



**PRÓ-SABER**



**DE SONHO E  
RESISTÊNCIA**

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER**

**VALÉRIA DA CONCEIÇÃO DE MOURA CORDEIRO**

**ARTE E SENSIBILIDADE: O PAPEL DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Rio de Janeiro

2017

**VALÉRIA DA CONCEIÇÃO DE MOURA CORDEIRO**

**ARTE E SENSIBILIDADE: O PAPEL DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Profa. Esp. Patricia Gonzalez

Rio de Janeiro  
2017

C8116a	<p>Cordeiro, Valéria da Conceição de Moura</p> <p>Arte e sensibilidade: o papel da literatura na educação infantil / Valéria da Conceição de Moura Cordeiro.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2017.– 29 fl.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2017. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.</p> <p>Orientador: Profa. Esp. Patrícia Gonzalez</p> <p>1. Educação infantil. 2. Literatura infantil. 3. Formação do leitor. 4. Mediação de Leitura. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.</p> <p style="text-align: right;">CDD 372</p>
--------	--

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

## LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 09 de Novembro de 2017.

**VALÉRIA DA CONCEIÇÃO DE MOURA CORDEIRO**

Dedico esse trabalho às pessoas que acreditam no meu potencial, em especial, meu pai Joaquim e minha mãe Lucina, que lutaram com muito esforço, na minha educação, para que eu me transformasse no que sou hoje; aos meus irmãos, Antonio, Luis, Violeta e Valquiria, que ao saberem do meu desejo de concluir o curso, se alegraram com o meu progresso e aos meus filhos, Luciana e Lauro, que por três anos se privaram de ter a mãe por perto, me incentivando a continuar nessa caminhada. Obrigada meu Deus por tudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força, coragem e proteção, que permitiu que nunca desistisse do curso.

À toda minha família, que se preocupou, me incentivou, me parabenizou, que cuidou dos meus filhos, quando ausente, me apoiando em momentos significativos da minha vida.

À todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia, em especial, minha orientadora, Patricia Gonzalez e também as professoras Cristina Laclette Porto, Denise Gusmão e Maria Delcina Feitosa, que na disciplina Metodologia e Desenvolvimento da Pesquisa, contribuíram com todos os alunos na montagem da monografia.

Às minhas colegas de turma que muito contribuíram na construção dos meus saberes, com as trocas de experiências.

Aos meus alunos queridos, que mesmo sem saber, foram alvo das minhas observações.

À Instituição Pró-Saber, por esse belo trabalho que fazem em prol de uma educação consistente.

Às pessoas que fizeram parte de todo esse processo, como: escritoras, palestrantes, administração da instituição, contribuindo com nossos conhecimentos.

A literatura, como toda a arte, é uma  
confissão de que a vida não basta.

Fernando Pessoa

## RESUMO

Esse trabalho teve como temática a literatura infantil, destacando a arte de contar histórias, a forma que chega ao ouvinte, e a sua contribuição para o despertar de um cidadão mais sensível e crítico, capaz de formular seu próprio pensamento e com uma visão mais ampla do mundo que o rodeia. Enfoca a importância de ouvir histórias e o contato da criança com o livro, o qual deve acontecer desde a primeira infância, utilizando estratégias para desenvolver o hábito de ler como um passo essencial na formação do leitor, a qual deve levar em consideração não apenas os espaços de leitura e o acervo, mas o papel do professor como mediador. Na pesquisa de campo utilizei minhas vivências como educadora de creche, destacando os momentos de contação de história e as estratégias adotadas com a turma de Maternal II, faixa etária de 3 e 4 anos, na comunidade “Faz quem quer”, localizada na zona norte do Rio de Janeiro. Para obter um melhor resultado de pesquisa, foram utilizados os instrumentos metodológicos, criados por Madalena Freire, principalmente a observação, a reflexão e o registro. Patrícia Corsino, Sônia Kramer, Fanny Abramovich, Bruno Bettelheim, entre outros também foram fontes de embasamento teórico para esse estudo.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Formação de leitor. Professor mediador



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1 OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS NA PRÁTICA COM A LITERATURA INFANTIL</b>	<b>12</b>
<b>2 A LITERATURA NA PRÁTICA ESCOLAR</b>	<b>18</b>
<b>3 O SONHO DE FORMAR LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<b>25</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>29</b>

## INTRODUÇÃO

Me vejo única, quando distingo o que trago de bagagem. Minhas vivências, minha forma de educação, de lidar com as pessoas e com as coisas.

A cada aprendizagem, somos tocadas diferentemente, respeitando tudo que trazemos, mas que reflete brilhantemente em cada uma de nós. Nesse momento, percebo que somos comunidade, onde trocamos nossas experiências, ampliando nossos horizontes.

Essa experiência de vida, que vivi no Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), não trocaria por nada desse mundo. Sou muito grata por tudo que vivi e aprendi. A festa 30 anos do Pró-Saber, do qual tivemos o privilégio de participar e fazer parte da história, confirmou o que penso. Fui tocada profundamente, não só pelas imagens, espaço diferenciado e obras de artes expostas, mas pelo que considero mais importante entre tudo, o protagonista da história, “as pessoas”.

Fiquei sensibilizada pela forma como fomos tratados em nossos individuais e com isso refletindo para o grupo inteiro (Turma 2015). A transformação de cada um, justamente, se deve por conta da Metodologia de Educação que o Pró-Saber se propõe a transmitir, com muita sensibilidade e respeito, mostrando que nós somos “ouro”.

O caminho a ser traçado para detalhar o processo de desenvolvimento da minha pesquisa, comparado ao texto de Tomás Prado, “O olho torto de Alexandre: Ensaio sobre o alcance de uma visão maculada”, me colocou em profunda reflexão.

A princípio a reflexão girou em torno do fato de termos olhares diferenciados para o mesmo assunto, por sermos únicos, termos o nosso “ouro”, como diz Madalena Freire<sup>1</sup>, e que quando trazemos algo, vem acompanhado com nossa bagagem emocional, social e cultural.

Com a aula inicial de Metodologia de Pesquisa, em que a professora Cristina Porto apresentou caminhos que despertaram atenção para a pesquisa, pude me reconectar com um tema, não definido, mas que esboçava a ideia de entrecruzar algo que é questionável para mim com algo que é prazeroso.

A arte, ao meu ver, é um tema questionável. Não consigo me sensibilizar com determinadas obras de artistas conhecidos que a disciplina Alfabetização Cultural

---

<sup>1</sup>Em suas aulas, no Curso Normal Superior, No ISEPS.

propõe, por exemplo, mas percebo que estou mais sensível ao voltar o meu olhar para a arte. É que considero outras formas de expressão da arte que podem estar em ações simples, como demonstrações de elogio para com o outro (Humanitas), efeitos produzidos pela natureza e tudo o mais que possa proporcionar grande emoção, como a literatura infantil, por exemplo.

A epígrafe exposta em aula, trazida dentro de um trecho do texto do professor francês Edgar Morin, fala muito da relevância do tema que pretendo abordar, onde a literatura e a arte desempenham um papel importante no desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança e não podem ser deixadas em segundo plano.

Acredito que podemos realmente levar muitas crianças a ampliar e educar seus olhares para a literatura e para a arte, a se transformarem em leitores plurais e, conseqüentemente, em cidadãos mais preparados para a vida em sociedade.

Ao apresentarmos para as crianças os contos infantis e as histórias que representam todas as coisas do mundo e a vida através das palavras, mexemos com seus sentimentos, promovendo a compreensão do mundo a sua volta, essencial para a construção da personalidade e para o desenvolvimento intelectual, ético e estético da criança como ser humano.

Através da literatura infantil a criança demonstra a sua realidade em forma de fantasia, através dos desenhos, das brincadeiras, das histórias, das músicas. Nesse momento, acredito que a criança vai inter cruzando a literatura com a arte, fazendo relação da história com sua expressão, aguçando sua sensibilidade e criatividade.

A motivação da minha monografia voltou-se então para a importância de reconhecer o imenso valor da literatura infantil e incentivar a formação do hábito de leitura de forma significativa e prazerosa, compreendendo como uso dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire são indispensáveis na construção desse caminho.

Para que o profissional de educação exerça com excelência sua função precisa fazer uso, no seu dia a dia, dos instrumentos metodológicos que vão orientar a sua construção intelectual e a de seus alunos. São eles: o registro reflexivo sobre a prática e a teoria; a avaliação; o planejamento. Todos eles são necessários para desenvolver um bom trabalho com as crianças, o que é relatado nesta monografia, quando percebi, em minha pesquisa, o quanto uma atividade planejada com base nos instrumentos metodológicos, pode ser muito mais bem sucedida.

O planejamento vem como produto de todo processo obtido com a utilização dos outros instrumentos metodológicos. Ele é construído com base no conhecimento de quem direcionamos a proposta. Deve ser flexível, na busca da integração e confiança para obter uma boa prática em sala de aula. Pode-se afirmar que:

Planejar é atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante do seu trabalho docente. Por isso não é uma forma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, visando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. (JESUS E GERMANO, 2013, p. 35 apud OSTETO, 2017)

A monografia está estruturada da seguinte forma: depois da introdução, seguirão três capítulos, o primeiro trazendo a minha experiência pessoal no contato com a arte e a literatura e como isto influenciou meu caminho, com a ajuda dos instrumentos metodológicos de Madalena Freire. O segundo traz a minha realidade na creche e a minha prática que foi o objeto de pesquisa deste trabalho. No terceiro capítulo e último, trago os três eixos norteadores para uma educação infantil de qualidade, o papel do professor mediador, o acervo e os espaços de leitura, como forma de transformar as atividades em momentos dinâmicos e prazerosos.

## 1 OS INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS NA PRÁTICA COM A LITERATURA INFANTIL

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório, fazem dos contadores de história, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes (MEIRELES, 1984, p. 48).

A literatura em algum momento de minha vida, que não sei explicar quando, me marcou, não sei se positiva ou negativamente, a ponto de refletir em mim de forma a me encantar. Com isso, sempre procurei trabalhar a literatura com as crianças, pensando também em encantá-las.

A princípio, instintivamente, o meu trabalho era desenvolvido a partir do meu encantamento. Fazia a contação de história e logo a seguir propunha uma atividade que tivesse relação com ela. Tenho lembrança, que mesmo ainda não tendo bases teóricas de interpretação, percebia um grande interesse das crianças e eram momentos bem prazerosos e construtivos.

Quando comecei a cursar Educação Infantil, no Pró-Saber, me colocava em profundas reflexões e questionamentos nas aulas. Metodologicamente, as aulas são construídas com a utilização de instrumentos criados por Madalena Freire, que ajudam os profissionais de educação a estruturarem as aulas.

Para que o profissional de educação exerça com excelência sua função, precisa utilizar no seu dia a dia instrumentos metodológicos que os vão orientar a construção intelectual dos seus alunos, são eles: a observação; o registro reflexivo sobre a prática e a teoria; a avaliação; o planejamento. Todos eles são necessários para desenvolver um bom trabalho com as crianças. Estão interligados. Um precisa do outro para continuação do processo do aprender, do ensinar, do construir conhecimento.

A Instituição Pró-Saber preza por uma educação democrática, onde o ser humano é o ouro, com todas as suas qualidades e defeitos. As aulas são construídas e estruturadas em cima de um plano, com atividades fixas, que podem ser vivenciadas de formas diferenciadas: chamada; nutrição estética; pontos de observação (aprendizagem, dinâmica, coordenação); exposição dos conteúdos; avaliação e planejamento.

Foi com a nutrição estética de determinadas disciplinas como: Projetos e Trabalhos Escolares, professora Rafaela; Currículo na Educação Infantil, professora Patricia; Oficina de Leitura e Escrita, professora Nazareth, que o meu encantamento aconteceu. A nutrição estética pode ser uma poesia, uma arte, uma música, uma pintura. E como forma de arte, pode vir através dos livros de literatura infantil. Foi nesses momentos, da contação de história que fiz uma relação imediata com a minha prática. Tom de voz, expressões faciais transformavam o ambiente e eu fazia de conta que estava dentro da história. A cada gesto, cada fala, me envolvia, com minhas caras e bocas, tornando o momento mais real do que era.

Um dos requisitos obrigatórios para cursar o Normal Superior na Instituição Pró-Saber é estar atuando, dentro de sala, com turma de Educação Infantil. Portanto, quando ingressamos no curso, tínhamos a prática, sem saber ao certo como acompanhar o processo de desenvolvimento da criança. O curso ajudou-nos a compreender cada movimento, cada progresso da criança, utilizando os instrumentos metodológicos criados por Madalena Freire.

Nos mostrou que, a partir da nossa observação e com o ato de registrar, desenvolvemos um bom trabalho, transformando o que as crianças nos devolvem na avaliação, em um planejamento, que desperte e traga para a criança o conhecimento proposto. Através da observação é que avaliamos, que podemos destacar todos os acontecimentos da aula, desde a aprendizagem individual, a do grupo e refletir sobre sua própria prática. Dessa forma nos leva a focar no que precisamos ampliar e o que foi construído, respeitando sempre o que a criança já traz consigo.

Freire (1996) diz que a observação com seus focos delimita o que queremos pesquisar, refletir, estudar. Por isso mesmo traz o germe da avaliação. Ela diagnóstica o que cada um e o grupo sabe – zona real do conhecimento – e o que ainda não conhece – zona proximal do conhecimento. A ZDR e a ZDP são conceitos trazidos por Vygotsky e citados pela autora do texto.

O registro reflexivo é tão importante quanto a observação no processo da aprendizagem. A partir dessa ação, fundamentamos nosso pensamento, através de análises e interpretações. Madalena Freire nos diz:

Ficamos para os outros através de nossos registros. O registro escrito não é o único ou o mais importante. Quando escrevemos, desenvolvemos nossa capacidade reflexiva sobre o que sabemos é o que ainda não dominamos. O ato de escrever nos obriga a formular perguntas, levantamento de hipóteses, aonde vamos aprendendo mais e mais, tanto a formulá-las

quanto a respondê-las. Essa capacidade tão vital de perguntar, que nos impulsiona a vitalidade de pensar, pesquisar, aprender, todo educador tem que educar. Assim, o registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para seu processo de aprendizagem. (FREIRE, 1996)

Nesse processo nos tornamos questionadores e quanto mais aprendemos, mais queremos. A avaliação sendo um processo contínuo, nos coloca numa posição de pensarmos o que alcançamos e o que ainda precisamos nos aprofundar. Na ação de rever e refletir sobre todo o processo educacional, podemos recriar nosso planejamento com encaminhamentos mais adequados. “Na ação de avaliar pense-se o passado e o presente para poder construir o futuro. Nesta concepção de educação, portanto, a avaliação é vivida como processo permanente de reflexão cotidiana” (FREIRE, 2008, p. 175).

O planejamento vem como produto de todo processo obtido com a utilização dos outros instrumentos metodológicos. Ele é construído com base no conhecimento para quem direcionamos a proposta. Deve ser flexível, na busca da integração e confiança para obter uma boa prática em sala de aula.

O planejamento, portanto, é o instrumento básico para a intervenção do educador. E, através dele é que se dá o desequilíbrio da hipótese do educando, ao mesmo tempo que se inicia o acompanhamento do processo de reequilíbrio pelo educador. Pois não basta desequilibrar. Cabe ao educador instrumentalizar o reequilíbrio da nova hipótese do educando. Como todo processo, este também não é autônomo, é cheio de idas e vindas, avanços e recuos (FREIRE, 2008, p. 170).

O planejar, segundo Madalena Freire, é sonhar, é o primeiro passo para atingirmos o que desejamos (2008, p. 168). Quando trabalhamos com Educação Infantil, esse desejo deve estar presente, alimentando o que queremos buscar, um processo na construção da aprendizagem das crianças.

Quando se planeja, buscando alcançar o seu objetivo, corremos o risco de não atingi-lo, mesmo assim devemos persegui-lo. Por algum tempo, meu trabalho era desenvolvido sem um planejamento, sem um olhar observador, sem registro, sem avaliação, o que dificultava muito o andamento desse processo, porque é a partir desses instrumentos de trabalho que o educador se estrutura, mediando, fazendo intervenções, provocando, buscando desenvolver um bom trabalho com as crianças.

Quando planejo, percebo que todos os focos de observação ficam mais organizados, o da coordenação, o do grupo e o do individual. Eles se revelam com mais clareza e as dificuldades ficam mais fáceis de serem contornadas. Isso fica

nítido quando conto histórias, para as quais já tenha me preparado antecipadamente, lendo-as e me familiarizando com os personagens que se destacarão. Caso contrário, o educador derrapará, se mostrará inseguro perante as crianças e terá que se reestruturar em um novo planejamento. Experiência já vivida por mim.

Mesmo sabendo que devemos antecipar a leitura, interpretá-la e estar preparada para contá-la às crianças, por algumas vezes, corri o risco de fazê-la misteriosa para a contadora, pensando causar uma maior transparência nas expressões, tornando, talvez, o momento mais prazeroso. Entretanto considerei essa experiência negativa, apesar de acreditar que algo considerável sempre é construído.

Abramovich (1997, p. 20), aborda como é importante que a narradora da história leia antecipadamente o texto, pois se faz necessário: “ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte.”

Minha observação, complementada pela citação acima, mostra-se na experiência abaixo relatada sobre o livro, “A Pretinha de Neve e os Sete Gigantes”, de Rubem Filho, que busquei relação com a história original “Branca de Neve e os Sete Anões”.

*Comecei a contá-la fazendo uma encenação, mostrando para as crianças as diferenças entre as histórias, mas logo percebi, que o texto era muito grande. Isso não me fez desistir de contar, mas algumas das crianças começaram a se irritar, demonstrando até uma certa agressividade, abaixando a cabeça na mesa, para mostrar seu desagrado. Fiquei frustrada e ao mesmo tempo sem saber o que fazer, pois via o interesse de algumas outras crianças que estavam gostando da história e queriam saber o final, como eu. Por fim, decidi interrompê-la e contar a outra parte da história no dia seguinte.*

*No dia seguinte, como combinado, contei o restante da história, que antecipadamente li, para me preparar. À princípio, perguntei para as crianças se queriam escutar o restante da história e algumas, com entusiasmo, disseram que sim. Dessa vez, sentei no chão para ficar mais pertinho deles e assim comecei.*

*De antemão, digo que a história era interessante, mas, mais uma vez repito, muito cansativa. Muitas palavras, muitas explicações. Quando cheguei ao final da história,*



*até disseram que gostaram, mas queriam se levantar para fazer outra coisa e não deram muita atenção para falar sobre ela.*

Foi uma boa experiência para me colocar em reflexão. Procurar aprimorar essa prática. E pensando nesse momento, pude perceber que a partir do erro de não ter me preparado, planejado essa atividade, construí hipóteses que direcionaram meu olhar para uma próxima atividade.

Será que realmente a história era interessante? Era adequada à faixa etária das crianças? Foi o fato do texto ser extenso que causou falta de interesse nas crianças? Ainda não tenho as respostas. Talvez, um pouco adiante, me prepare para contar essa mesma história, focando no que poderia ter ficado na memória das crianças.

Através do uso dos instrumentos metodológicos em minha prática passei a dar significado aos movimentos das crianças, com um olhar atento e pensante, acompanhando seu desenvolvimento, registrando o que elas transmitem. Estruturada nos teóricos, busco enxergar o que foi vivido, construído, para assim, replanejar de uma forma a atingir o objetivo.

O texto “Educando o olhar da observação”, extraído do livro Educador de Madalena Freire, nos mostra exatamente a realidade e o processo a ser seguido para construir um olhar sensível e pensante, ferramenta básica para enxergar o mundo, a realidade e nós mesmos. Para tanto, o educador precisa estar integrado ao grupo, em sintonia, vendo e escutando todos os movimentos a sua volta.

Ver e ouvir demanda implicação, entrega ao outro. Estar aberto para vê-lo e/ou ouvi-lo como é, no que ele diz, partindo de suas hipóteses, de seu pensar. Dessa forma, buscar a sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando, em harmonia, ao nosso (FREIRE, 2008, p. 45).

Isso mesmo! A escuta, junto à observação, fazem parte de um processo que construímos com as crianças. São elas que fazem o educador se questionar e, como bom mediador, instigar um olhar curioso. São elas também que vão nos dar um retorno do que já sabem, do que trazem consigo e do que ainda precisam construir. “Só podemos olhar o outro e sua história se tivermos conosco uma abertura de aprendiz que se observa (se estuda) em sua própria história” (FREIRE, p. 46).

No texto “De que professor precisamos para a educação infantil?” de Sonia Kramer, o questionamento do título traz várias respostas, das apresentadas, uma se destacou para mim, a de tópico 3: “Fazer com: desafios do trabalho coletivo”, que

nos fala da obrigatoriedade do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico. Este deve ser realizado anualmente, envolvendo as crianças da instituição, responsáveis e comunidade, alertando-nos para que não se torne apenas um documento a ser instituído, sem o interesse das partes envolvidas, mas que se torne um projeto vivo, onde todos se envolvam para desenvolvê-lo.

Posso dizer que vivenciei um projeto que despertou grande interesse de todas as partes na instituição em que atuo e que gostaria de vivenciá-lo novamente, inclusive intensificando as propostas.

O projeto envolvia especificamente a literatura. As crianças eram convidadas a levarem para suas casas uma pasta com um livro de história, um caderno de desenho e lápis de cor, e o responsável se incumbiria de contar a história e incentivar a criança a se expressar através do desenho. Quando retornavam, na semana seguinte, os desenhos eram expostos em nossa roda de conversa e as crianças podiam trocar experiências sobre os mesmos.

O desenho é uma representação. Simboliza, rerepresenta um pensamento. É um objeto significativo para falar de um significado. É através do desenho que as crianças se expressam de um modo singular e prazeroso, nem sempre atribuindo sentido aos rabiscos que fazem, que algumas vezes acontecem pelo ímpeto de descobrir as formas e cores que são capazes de criar. Quando esses desenhos passam a ser feitos intencionalmente, expressam seus desejos, emoções e potencializam sua capacidade criativa.

Lembro que a experiência do projeto foi prazerosa e construtiva e que os pais se interessaram tanto quanto as crianças, a ponto de irem buscar os livros na creche, quando seus filhos faltavam por algum motivo.

Nessa época ainda não utilizava o registro como instrumento de trabalho, o que colaboraria muito no meu desempenho. Poderia, por exemplo, ter registrado, junto com eles, suas falas e confeccionado um portfólio com todos os trabalhos desenvolvidos.

## 2 A LITERATURA NA PRÁTICA ESCOLAR

Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

Atuo em uma instituição localizada na Comunidade Faz Quem Quer, Creche Municipal Olga Benário, com turma de maternal II, faixa etária das crianças de 3 e 4 anos. Minha função é de Agente de Educação Infantil, sendo um trabalho desenvolvido em conjunto com a professora regente de turma. Meu turno é da tarde.

O espaço institucional é pequeno e possui apenas três turmas, duas de Maternal II e uma de Maternal I. As salas, com apenas 16 m<sup>2</sup>, não suportam mais que 17 alunos em cada uma, totalizando não mais que 50 alunos e são distinguidas por suas atividades, uma sala de leitura, uma brinquedoteca e uma de atividades. Nosso refeitório também possui a função de sala de leitura.

Para cada turma, atuam uma professora regente, com horário integral e duas agentes de educação infantil, com turnos diferenciados, uma diretora, uma adjunta, duas merendeiras duas apoios.

O planejamento que faço com a turma está basicamente voltado para a cotação de histórias, que vejo de grande importância para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, além de despertar um grande encantamento, tanto para educadora quanto para as crianças.

O trabalho que desenvolvo com minha turma, contando histórias, acontece todos os dias, à tarde, em encontros já identificados significativamente por elas. Procuro diferenciar os espaços e o modo de vivenciar esses momentos, buscando criar cada vez uma expectativa nova.

Apesar de perceber como um momento bem prazeroso, algumas crianças não conseguem se envolver por muito tempo. Quando acontece, chamo atenção para alguma parte ou imagem do texto que represente algo mais familiar para elas, que tenha um impacto maior, mais significativo. Não sei ao certo se é a forma correta de despertar o interesse desses individuais, mas, às vezes, acaba dando certo e consigo obter um bom resultado. Se estiver de pé, caminho em volta deles, se estou sentada, utilizo elementos para lhes chamar atenção, como: imitação de vozes, ruídos de animais, barulhos, gestos com as mãos.

Um momento muito esperado é quando, ao final da história, entrego-lhes o livro para que folheem. Esse momento é esperado tanto para as crianças que querem tocar no livro, virar as páginas, apontar os personagens, como forma de narrar a história; quanto para mim que paro, observo, respondo aos questionamentos, quando possível registro algumas falas e percebo uma expectativa de qual história será contada no dia seguinte. “Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica.” (FREIRE, 1992, p. 14)

O ato da observação do educador pode ser realizado de duas formas, num momento em que o olhar fique livre, notando os acontecimentos ou baseado em uma pauta, trazendo uma intencionalidade. Não se trata de um simples olhar para descobrir imperfeições. Ele deve ser cuidadoso e provocar reflexão. Traz como foco, questões que falem sobre as potencialidades e fragilidades de suas crianças, colocando os próximos desafios que o educador terá.

O educador para se preparar, sonha uma situação e antecipa algumas hipóteses sobre o que pode acontecer, levando em consideração o que as crianças já sabem e seus interesses e prevê o que quer saber, se utilizando de um olhar observador.

Obviamente, não conseguimos registrar todas as informações em nossa memória, por isso é necessário que tenhamos um caderno de registro para colher todo material proveniente das observações.

Eles representam a análise e a reconstituição da situação vivida pelo educador na interação com as crianças. Ao registrar o que observa, ele reflete sobre a evolução do seu próprio trabalho e sobre suas posturas pedagógicas. Além disso, um registro bem feito possibilita que se retome essas anotações e veja se as intervenções elaboradas com base nele surtiram algum efeito. (HOFFMANN, 2002)

Quando ingressei na área da educação, me deparei com toda uma rotina que demandava vivência com as crianças, mas foram os momentos que envolviam a literatura que mais me fisgavam. Esse meu encantamento, como já foi dito, não sei explicar de onde veio, porque não tenho lembrança de ser uma boa leitora e muito menos, escritora, fato que se explica quando não se tem o hábito de ler.

Segundo Solé (1998), o processo que envolve o desenvolvimento da leitura envolve a linguagem em sua totalidade, como o falar, o ouvir, o sentir, o escutar, o

escrever, pois a criança vivência em seu cotidiano todas essas linguagens que elencarão seu aprendizado convencional da leitura. Solé (1998), diz também que a criança que participa de atividades conjuntas com a família e na escola (elaborar a lista de compras, ler bula de remédio, ler receita de bolo, contar histórias, ler comunicado da escola, cantar no chuveiro, ler outdoor, placas de ruas) é propiciada a formação de leitor.

Quando criei o hábito de ler diariamente para as crianças na creche, pude perceber o avanço significativo que ocorre no desenvolvimento delas, o que me fez rever a grande burrada que tinha feito em minha vida pessoal, não oferecendo para meus filhos, quando pequenos, o contato com a leitura. Tento reparar, hoje, essa minha falta de experiência, me servindo de modelo para eles, com meu estudo, minhas leituras, meus escritos, que agora acontecem diariamente.

Com a experiência vivenciada todos os dias, de contação de histórias, vejo refletir em minhas crianças o seu desenvolvimento, as várias formas delas expressarem seus sentimentos, seja através do desenho, da oralidade, da brincadeira ou da troca com o outro.

As histórias infantis, mesmo quando não retratam situações da realidade, proporciona às crianças possibilidades para elas expressarem suas emoções, relacionando o imaginário com o real, construindo na interação com o outro, uma visão de mundo que está de acordo com o seu.

Percebo que tenho despertado o gosto delas pela leitura, o que é demonstrado através dos pedidos para contar as histórias. E por vezes, proporciono a autoria delas, quando troco de lugar com elas, fazendo com que, na contação manipulem os livros. E aí, elas demonstram traços e modos de imitação, da educadora, sinal de que se utilizaram de uma boa observação para identificar os modelos que utilizo na contação.

Outro momento que faz parte da rotina de uma creche e que considero bem prazeroso é a hora da roda de conversa, quando falamos sobre coisas que aconteceram e cantamos músicas que conhecemos. Lamento não ter um repertório muito extenso para compartilhar com as crianças. É um momento que elas se soltam, riem alto, se jogam. Bem divertido!

Quando pequena, também tinha essa sensação de prazer proporcionada pela música. Lembro que escutava cd's de histórias infantis e neles apareciam as músicas que os personagens cantavam para embalar um momento determinado da

história. Sabia a música e toda a história memorizada, de tanto que escutava. Não tenho lembrança de participar das cantigas de roda que apareciam nas brincadeiras das crianças, nem nas escolas, nem no convívio com irmãos e colegas. Me parece que as escolas, naquela época, não davam grande importância para a hora das brincadeiras. Mesmo porque, ingressávamos com idade avançada, já no período da alfabetização. Talvez por esse motivo, não tenha na memória muitas das músicas que são cantadas pelas crianças nas rodas ou as que representam um personagem de história.

A música também conta uma história e se sabemos só o refrão da música, o que muitas vezes acontece, a história fica incompleta. Não seria mais interessante contar/cantar a história completa?

É natural que o profissional de educação sempre se questione, procurando aprimorar seu trabalho em prol do conhecimento. No começo do curso, logo na primeira aula que construímos com Madalena Freire (2008), uma frase dela, do livro “Educador”, me tocou profundamente, fazendo refletir sobre seu sentido: “Só aprendemos e ensinamos por amor ou por ódio, nunca na indiferença”. (p. 25) Depois de tê-la ouvido, me peguei alguns dias, durante esses três anos, pensando e relacionando esta fala com a minha vida pessoal e profissional. O vínculo que construímos com o outro se torna natural e de grande importância para o ser humano, mas que nem sempre é assim, a indiferença, segundo Madalena Freire, “é uma forma sutil de violência”.

Quando trabalhamos com crianças, laços de afetividade são criados com muita naturalidade e reforçados quando pensamos em proporcionar uma educação de qualidade para elas. São esses os desejos e sonhos que buscamos para um mundo melhor. Criar hábitos nas crianças que despertem sua sensibilidade, seu senso crítico, seus conhecimentos é uma tarefa que se constrói a partir de experiências que elas vivenciam.

Relatos de história contada:

*A Verdadeira História de Chapeuzinho Vermelho*  
*Agnese Baruzzi*  
*Sandro Natalini*  
*Sinopse*

*Então, você pensa que conhece a história da Chapeuzinho Vermelho? Às vezes, as coisas não são como parecem ser. Descubra o que realmente aconteceu antes de a famosa história começar!*

*Ela começa com uma cartinha do lobo para a Chapeuzinho Vermelho, pedindo ajuda para melhorar sua ortografia (a carta contém muitos erros) e para ela mostrar como ele pode se transformar em um lobo bonzinho.*

Nesse momento pensei deles confeccionarem uma carta para alguém, do seu desejo.

*O lobo e chapeuzinho se falaram ao telefone e decidiram se encontrar.*

O livro é interativo, com portas e janelas que se abrem; com cortina que cobre a banheira; livro de receitas (sem carne para carnívoros recuperados); avental do lobo em tecido; ônibus escolar que se movimenta; jornal da cidade; rosto da chapeuzinho e olhos do lobo que trocam de cor.

*O lobo passou a morar com a Chapeuzinho e para se recuperar, comia comida vegetariana, ajudava nas tarefas da casa e colaborava com toda vizinhança. O lobo virou celebridade, um verdadeiro herói, saiu nas notícias do jornal e apareceu na televisão, o que deixou Chapeuzinho muito brava.*

Nesse momento, Isabelly, uma das alunas mais espreitada que tenho, coloca a mão na cintura e faz cara de brava. Reparo que estou fazendo cara de brava também e ela se inspira em mim.

*Chapeuzinho trama um jeito de desfazer todo o trabalho investido no lobo, quer que ele se transforme em mau, de novo. Manda um convite para o lobo, o convidando para uma festa e lhe oferece um cachorro quente. A salsicha de carne deixa-o desesperado e ele volta a ter o desejo de correr atrás das criancinhas.*

O lobo, mesmo sendo um personagem que atemoriza as crianças, não estava causando medo, muito pelo contrário, estava causando uma vibração, quando aparecia com suas artimanhas. As crianças pedem com frequência histórias de lobo.

Para Bettelheim (1980), todos os problemas e ansiedades infantis, como a necessidade do amor, do medo e do desamparo, da rejeição e da morte, são colocados nos contos em lugares fora do tempo e do espaço, mas muito reais para crianças. A solução, geralmente encontrada na história, quase sempre leva a um final feliz, indica a forma de se construir um relacionamento satisfatório com as pessoas com as quais convive.

*Na última página da história aparece o lobo escondido atrás de uma árvore na floresta, junto com Chapeuzinho Vermelho que carrega sua cesta de doces para a vovozinha, como na história oficial.*

Ao virar a página, Isabelly começa a cantar a música: Pela estrada a fora eu vou bem sozinha, levar esses doces para a vovozinha... Todos param para observar ela cantar e ela repete o refrão (provavelmente, só conhece esta parte da música, como a educadora que lhes fala).

*Ao final, entreguei o livro para que interagissem com os seus movimentos.*

A próxima história que relato chama atenção para as reações causadas, em contrapartida com a história anterior, como se essa fizesse parte do mundo deles.

*“Uma Noite Muito Barulhenta”*

*Diana Hendry*

*Ilustrações: Jane Chapman*

### *Sinopse*

*Ratinho fica com medo quando vai dormir. O que será aquilo soprando e bufando? E será que um fantasma grita “UUUU”!? “Posso dormir na sua cama?” pergunta para Ratão. Mas Ratão não quer dividir a cama e está certo de que Ratinho deve dormir sozinho...*

*A história conta que Ratinho não consegue dormir por conta do seu medo ou talvez por ainda se sentir inseguro de dormir sozinho na cama.*

*Primeiro, escuta algo soprando e bufando, mas é o vento, diz Ratão. Depois um barulho, e Ratinho espreita pela porta. Depois, Ratinho escuta algo no telhado e pensa ser um ladrão, mas era só um galho.*

Procuro fazer os movimentos da história para que se torne mais emocionante.

*Ratinho deitou e percebia a sequência de todos os sons que escutava, lá do lado de fora da casa. Escutou mais um barulho, olhou debaixo da cama e espreitou dentro do armário. O barulho da chuva e o ronco do Ratão entraram para a sequência dos barulhos que Ratinho escutava.*

*Ratão colocou um grampo no nariz para interromper o ronco. Fiz o mesmo com os dedos em meu nariz, para mostrar as crianças que o som da voz modificava e elas compartilharam a mesma experiência.*

*Depois que tudo se silenciou, Ratinho se incomodou com o silêncio, se sentindo sozinho e Ratão assim, foi vencido pelo cansaço, permitindo que Ratinho dormisse em sua cama.*

*Foi a vez de Ratão escutar a sequência de todos os barulhos que estavam incomodando Ratinho, mas logo em seguida, os dois dormiram, sem que o despertador os incomodasse.*



A história chama atenção pelo encantamento, que foi nítido no rosto das crianças, a ponto de surpreender as educadoras. Foi um momento que a muito, não vivíamos. Eles ficaram com os olhos vidrados na história, compartilhando as emoções que sentiam. Por um momento, me vi no rosto de cada um, me remetendo às aulas, onde faço caras e bocas, principalmente na hora das histórias, contadas pelas coordenadoras. É como se entrássemos na história e fizéssemos parte dos personagens, mas na verdade, somos atingidos pelas vivências que trazemos.

O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referências, postura colocada, inquietude provocada, emoções deflagradas, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas [...] As mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (desde que seja boa) (ABRAMOVICH, 1993, p. 24)

Comentamos, eu e a professora, que já foram lidas outras histórias sobre ratinho, como por exemplo: “O que tem dentro da sua fralda” de Guido Van Genechten, mas que não causou a mesma admiração. Confeccionamos um ratinho de papel com rabo de barbante, bigode e da sua cor de preferência.

### 3 O SONHO DE FORMAR LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Livro: A troca - Para mim, livro é vida, desde que era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pra paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois decifrando palavras. Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação (NUNES, 1990, p. 7)

O contato com o livro desde pequena fez Lygia Bojunga Nunes se transformar em uma escritora conceituada e pelo fato de ter vivido experiências tão prazerosas, se preocupa profundamente com a relação que as crianças possam ter com a literatura na educação infantil. Ela entende que mais que fazer o papel de colocar as crianças no mundo da escrita, o contato com a literatura deve ser desenvolvido como caminho para que essas crianças mostrem ao mundo a sua essência. Corsino (2010) se apoia em Todorov (2009), para declarar que a compreensão provocada pela literatura trata-se da da experiência do humano, onde a “função primordial da literatura seria permitir que cada “um responda melhor à sua vocação de ser humano” (p. 24) (CORSINO, 2010, p. 184).

Eu, como educadora, vivo essa mesma preocupação, mas ciente que tenho batalhado para cumprir minha função de trazer a literatura para a vida das crianças, visando contribuir de forma positiva ao processo de desenvolvimento das mesmas. A função do professor é ensinar a pensar. Criar na criança curiosidade, provocada por sua fala, além de desenvolver o seu processo imaginativo e cognitivo.

A relação que a criança estabelece com a literatura deve ser amorosa, para que se crie o gosto pela leitura. A criança ao ouvir as histórias se apropria de gestos e posturas colocados pelo professor, tendendo a se comportar do mesmo modo. Atitudes de segurar o livro, apontar e tom de voz são algumas ações que demonstram o início do seu processo de leitor.

O trabalho árduo, planejado e consciente de um professor mediador resultará na formação de crianças leitoras, desejosas de desvendar seu próprio mundo. “É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho

absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1991, p. 16).

O papel do mediador nesses espaços é de extrema importância, incentivando a troca entre os alunos, a partir dos seus olhares e escuta, construindo novos saberes. Comparando o exercício de um mediador de sala de aula e o de um museu, se percebe que podem ter bastante semelhança, a começar, pelo planejamento que deve ser feito, antecipando o objetivo que se deseja alcançar. O plano deve estar adequado à faixa etária das crianças e vir explicitando o que está previsto.

Na creche que atuo, grande parte dos acervos de livros infantis são financiados pela prefeitura, quando enviados pela mesma ou através de cotas revertidas em compras, feitas na Bienal, sendo assim, todo ano há uma renovação desse acervo. Temos livros novos, os bem conservados e os que já foram bastante manipulados, que algumas vezes precisam ser restaurados pelas próprias professoras.

A variação é grande, dos mais requisitados pelas crianças, como os de capa dura, os com movimentos, interativos e os com alguns temas de suas preferências, por exemplo: os animais. Cabe ao professor se organizar para selecionar os mais apropriados às crianças e com produções de qualidade, de textos e imagens. O professor sabe o que é bom para elas e ele deve se preocupar com essa seleção de livros, com textos provocativos, que conversem com o cotidiano das crianças e também os que trazem o novo, não necessariamente com o comprometimento de passar um conteúdo específico, mas de que elas, no seu mundo imaginário, possam fazer relação com a sua memória e sua vivência.

Procuro me planejar para que, em algumas propostas as crianças possam fazer a escolha da história do dia.

A organização do espaço que temos para desenvolver os momentos de leitura com as crianças, infelizmente não condiz com sonho que tenho. Meu desejo é uma sala espaçosa, confortável, que encantasse e despertasse a imaginação da criança ao simples abrir a porta. Enquanto isto não é possível, me contento a desenvolver meu trabalho da forma mais responsável e criativa que posso. Organizo os espaços na própria sala ou no pátio da creche, sentadas em um lençol forrado no chão. Algumas vezes o livro vem dentro de uma caixa surpresa. Buscando assim encantar e manter o interesse das crianças neste mundo mágico dos livros.

Seja na escola, museu ou local de entretenimento, o importante é tornar o espaço um lugar de ampliação, onde é despertada a curiosidade, criatividade, a inteligência da criança.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender que os livros de literatura no mundo das crianças são de grande importância e podem ser inseridas na vida delas desde muito cedo, no ambiente escolar e familiar é um fator necessário e urgente, para que a criança se torne leitor e desenvolva seu imaginário, seu senso crítico e seu intelecto.

No ambiente familiar, o hábito da leitura fortalece o elo da criança com seus pais e responsáveis, tornando-o, no futuro, um adulto mais seguro e preparado.

O ato de ler é transformador e consegue despertar uma sensação de prazer, quando se torna um hábito. Se nota o quão mágico pode ser um livro nas mãos de uma criança que, mediada pelo professor ou responsável, pode levá-la a construir uma aprendizagem significativa, própria para seu desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- ABRAVOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1998.
- CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil**: Possibilidades e Ampliações. In: Coleção Explorando o Ensino. V.20. Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica, 2010.
- DIAS, Karina Spert. Formação estética em busca do olhar sensível. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel; NUNES, Maria Fernanda; GUIMARÃES, Daniela (Orgs.). **Infância e educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.
- FREIRE, Madalena. **Educador**: Educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Observação, registro, reflexão**: Instrumentos Metodológicos I. Rio de Janeiro: Artcolor, 2. ed., 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder**: introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez, 8.ed., 1988.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora**: educação e realidade. Porto Alegre: 1993.  
Disponível: <https://gestaoescolar.org.br> Acesso: 03 de novembro de 2017.
- KRAMER, Sonia. De que professor precisamos para a educação infantil?: uma pergunta, várias respostas. In: **Patio**: educação infantil. Porto Alegre: Artmed, ago./nov., 2003.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: O real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas de literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4. ed., 1990.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil, mais que atividade**: a criança em foco. Disponível em: <<https://moodll.nfsc.br/mod/url/view.php?id=497666>>. Acesso em: 03 nov. 2017.
- SALLUTO DE MATTOS, Maria Nazareth de S.; CORSINO, Patrícia. **As crianças pequenas e os livros no cotidiano de uma creche comunitária no Rio de Janeiro**. Campinas: UNICAMP, 2012.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.  
Disponível em:<<https://monografias.ufrn.br>>. Acesso em: 03 nov. 2017.